

## PORTUGAL 2020: EMPREENDEDORISMO E CAPITAL DE RISCO

A noção de Empreendedorismo, como uma competência transversal fundamental para o desenvolvimento humano, social e económico, tem vindo a ser reconhecida com cada vez maior profundidade conforme o demonstram as afirmações que passo a transcrever:

- “O empreendedorismo é uma revolução silenciosa, que será para o século XXI mais importante do que a revolução industrial foi para o século XX” (Timmons) e
- “O empreendedorismo é uma ferramenta poderosa para ajudar as pessoas a alcançarem o sucesso económico, ao mesmo tempo que tomam o controlo das suas vidas” (Chris Curtis).

Na Cimeira da Comissão Europeia realizada em Barcelona, em 8 e 9 de Março de 2010, o Grupo de trabalho sobre as Competências - Chave para o século XXI, introduziu o conceito de Competências Chave para a aprendizagem ao longo da vida como uma das melhores formas de preparar os jovens para as competências que o mercado de trabalho exigirá num horizonte temporal entre os nossos dias e o ano de 2020.

Dentro das oito competências chave identificadas, assumem especial relevo as relacionadas com os saberes que são estruturais, como a matemática, a língua materna e o inglês, por exemplo, mas também o **Empreendedorismo** através do envolvimento dos professores e com o recurso a metodologias inovadoras, assentes no conceito “learning by doing”, com uma abordagem diferente do ensino tradicional e adaptada ao perfil das novas gerações, em constante adaptação e actualização.

É nesta perspectiva que se insere a Educação em Empreendedorismo a qual ao permitir fazer a ponte entre o espaço educativo e o mercado de trabalho contribuirá para diminuir a enorme barreira que ainda hoje separa a Escola das restantes Organizações sejam elas empresariais ou de âmbito filantrópico.

Tendo presente esta realidade a GesEntrepreneur - empresa que criei em Janeiro de 2006 com o Guru do Empreendedorismo, o Professor Canadano Chris Curtis - através da confiança que nela tem vindo a ser depositada quer pelos Governos Regionais dos Açores e da Madeira quer pelos Presidentes de cerca de 20 Autarquias do Continente, com particular destaque para os Concelhos de Cascais, S.João da Madeira e os pertencentes às Terras do Sικό, já contribuiu para a formação em Empreendedorismo de 30.000 jovens alunos do Ensino Básico, Secundário e Técnico Profissional, assim como de 1500 Professores em mais de 140 Escolas.

Após este enquadramento inicial sobre a importância dos valores estratégicos, como o empreendedorismo, o optimismo, a ética, a confiança, o risco, a inovação e a criatividade, deverem ser trabalhados o mais precocemente possível, importa reflectir para **Onde nos vai levar o**

### **Empreendedorismo?**

Dentro de 5-7 anos, os jovens que estão agora no ensino secundário, possuem já alguma experiência de trabalho ou podem até mesmo ter prosseguido estudos superiores e encontram-se agora a terminar os seus mestrados, alguns com experiências internacionais conforme é já habitual através de programas de intercâmbio que tornaram a Europa mais pequena.

Estou confiante de que estes jovens, mais do que os restantes que não foram sujeitos ao “vírus do empreendedorismo” durante o ensino secundário, serão aqueles que mais facilmente pensarão em traçar o próprio percurso se não houver emprego há sua volta. Mas acredito também que serão aqueles que mesmo trabalhando para outros saberão empreender dentro do espaço que lhes é concedido levando assim as organizações onde trabalham para um novo nível de desempenho.

Acredito sobretudo que **aqueles que têm agora a oportunidade de descobrir o que é ser empreendedor serão os que amanhã questionarão a realidade e apresentam novas soluções para o futuro.**

Espero com este contributo da minha parte - que de pouco valeria se não fosse apoiado por autoridades locais que como eu acreditam que podemos moldar o futuro e que tornam estes programas possíveis – ajudar a moldar o Portugal de 2020.

### Do empreendedorismo ao capital de risco

Mesmo sem programas de empreendedorismo, grande parte da geração que se situa actualmente entre os 20 e os 30 anos teve oportunidade de por um momento ou outro, quer através de conferências, livros, concursos ou da experiência de amigos, se ver confrontada com o termo. Alguns entre estes, para além de guiarem a sua vida com uma atitude empreendedora, vão mais longe e criam o seu próprio negócio. Estudaram, tiveram experiências profissionais e lançam os dados do próprio destino que lhes dita investir nos seus sonhos. Se alguns apostam em negócios mais conservadores outros investem o seu

saber em negócios escaláveis à dimensão global com base nas tendências do momento ou na tecnologia de amanhã.

Também para estes jovens vejo um mundo à sua volta que se formata para lhes oferecer mais condições de crescer na próxima década. Se naturalmente algumas destas iniciativas não vão sobreviver pelos mais diversos motivos outras tirarão o melhor partido de uma comunidade crescente de Business Angels – investidores privados que investem nas fases mais precoces de negócios de elevado potencial de crescimento e que neste momento possuem um Fundo de Co-Investimento dotado de 42 Milhões de Euros que poderá financiar esses negócios até ao final de Junho de 2013 – que há 4 anos não tinham qualquer expressão e que actualmente se apresentam como os agentes adequados para preencher a histórica falha de mercado no capital de risco nacional.

Junte-se a este um fenómeno mais recente e que caracteriza toda a Europa: os aceleradores de negócios. Ao longo dos últimos dois anos mais de 50 incubadoras/ mini-fundos de investimento surgiram pela Europa – incluindo Portugal, que em 2010 viu a Incubadora do Instituto Pedro Nunes ser considerada a melhor do Mundo, com fórmulas distintas mas que assentam todas no pressuposto de apoiar projectos em fases muito primárias de desenvolvimento, frequentemente antes ainda dos próprios Business Angels.

Disponibilizam recursos em troca de partes de capital e financiam mentes criativas e jovens promissores a quem é dada a oportunidade de arriscar e dedicar alguns meses da sua vida a comprovar determinados conceitos.

Mas vamos ainda mais longe e ver os projectos que são diariamente carregados nas plataformas online de “crowdfunding”, esses websites onde o acesso ao capital é totalmente democratizado e investidores anónimos podem investir tão pouco quanto 5 euros em projectos que com estes quase simbólicos contributos, evitam o recurso ao crédito - por estes dias inimigo de empreendedores para quem os activos se restringem às ideias e a expectativas futuras.

O Ecossistema empreendedor, pese embora as suas falhas e carências, tem descoberto nos últimos anos alternativas de financiamento até agora inexistentes. Retroceda-se 10 anos e para além do crédito bancário e de algum fundo específico da União Europeia, poucas possibilidades existiam para estes

empreendedores já que o capital de risco estava restrito a operações de maiores montantes e os Business Angels apesar de existirem desde 2000, ano em que criei o primeiro Clube de Business Angels português, não tinham ainda condições para investir de acordo com as melhores práticas internacionais em vigor no Reino Unido em França para não falar dos próprios Estados Unidos.

Novas condições têm sido disponibilizadas aos empreendedores - desde as Plataformas Finicia suportadas por micro-capital de risco, até ao micro-crédito passando por Clubes de Empreendedores em algumas Escolas Secundárias até a Concursos Internacionais de Planos de Negócios e ao lançamento de Fundos Corporativos como é o caso da Critical Software que desde Julho passado possui 7 Milhões de euros para investir em novas start-up - e o impacto desta nova realidade só no cenário de 2020 poderá ser verdadeiramente percebido.

Por essa altura olharemos para trás e veremos que algumas das empresas de referência do futuro passaram por estes caminhos e de micro e pequenas empresas cresceram porque tiveram uma estrutura à sua volta que lhes proporcionou um caminho em frente.

A estrutura de apoio não fica certamente nas fases iniciais de desenvolvimento. Prosseguindo o crescimento da empresa é importante reforçar os Fundos de capital de risco adequados às necessidades das empresas, as estratégias de saída para os investidores e as fontes adicionais de financiamento de risco para as fases seguintes de financiamento.

A aposta no capital de risco é, aliás, um vector de crescimento bem identificado pela União Europeia para a Europa de 2020 e que aponta a necessidade de termos um “mercado europeu de capital de risco eficiente” com “incentivos adequados para fundos privados que proporcionam financiamento para start-ups e PME e inovadoras”.

Há sempre mais a fazer pelo mercado mas estou confiante que esta nova geração de empreendedores, bem como aqueles que ainda hoje se encontram no ensino secundário e que mais tarde se juntarão ao grupo, possam ter o acesso aos recursos financeiros de risco há tanto tempo reclamados e que plantem agora os sonhos dos Googles e Facebooks que nos farão orgulhosos amanhã.

Reconheço que o enquadramento de actual crise económica e financeira nacional possa desencorajar alguns empreendedores mas devemos reconhecer que pode ao mesmo tempo ser fonte de motivação para outros que, mesmo que desiludidos por falta de opções, acreditem ser este o momento para dar o passo no sentido de um futuro diferente.

Apesar de no Programa do actual Governo mais concretamente no texto referente à área da Educação - inserido no ponto VI - o Desafio do Futuro - constatarmos, infelizmente, que a palavra Empreendedorismo nem uma só vez foi escrita nas linhas programáticas do Ensino Pré-Escolar, Básico e Secundário e apenas o foi uma vez na área do Ensino Superior e na Ciência, quero acreditar que também o facto do citado Governo ter na sua composição uma Secretaria de Estado do Empreendedorismo, Inovação e Competitividade permitirá interagir transversalmente com todos os Ministérios potenciando e articulando verdadeiras políticas públicas de apoio ao Empreendedorismo **dinamizando a base económica nacional e atraindo investimento directo estrangeiro, que permita equilibrar a balança comercial e criar novas oportunidades de emprego.**

Todos temos o nosso papel neste futuro e estou certo de que em 2020 veremos que valeu a pena. Só espero que não seja necessário esperar até “ao futuro” para vermos o que poderíamos ter feito.

Francisco Banha

Presidente da Gesventure e Membro da Direcção da Associação Europeia e Mundial de Business Angels

10/09/2011